

A MULHER DEPENDENTE QUÍMICA

Dependência de drogas: Uma questão de gênero?

Existem diferenças significativas, relacionadas às questões de gênero, entre a drogadicção masculina e a feminina.

As evidências de dependência de drogas nas mulheres passaram a ser mais significativas no final do século XIX e início do século XX. As pesquisas sobre o assunto são bem recentes, começando a aparecer, apenas a partir da segunda metade do século XX, com o aumento da busca de tratamento por parte delas.

Historicamente o estigma relacionado ao uso, abuso e dependência de drogas na mulher sempre foi mais intenso que no homem. Esta prática realizada por algumas mulheres era tão condenada pelos romanos quanto a prática do adultério; isto colaborou para mantê-las no anonimato.

O abuso e dependência de drogas nas mulheres, por ser menos visível, podem desencadear em um maior retardo na busca de tratamento. O uso abusivo de álcool costuma ser isolado e em casa. Se sua função cotidiana é de dona de casa, pode haver um prejuízo no cuidado com os filhos e com o lar (ex. atraso na preparação das refeições e gastos excessivos desequilibrando o orçamento doméstico).

De maneira geral, o papel do cônjuge masculino não é de cuidador como comumente se vê em esposas de alcoolistas. A violência física é menor por parte das mulheres alcoolistas, sendo muitas, agredidas por seus maridos.

A resistência ao tratamento e o índice de divórcio, por parte dos maridos, também é maior que das esposas dos homens dependentes de álcool.

As drogas de abuso, mais usadas pela maioria das mulheres, costumam ser as lícitas. Possivelmente por seu uso ser menos estigmatizante e até mesmo, incentivado ou induzido pela sociedade. É comum os casos de médicos que prescrevem, excessivamente, benzodiazepínicos ou mulheres que abusam das anfetaminas para emagrecer (devido a necessidade de corresponderem a um padrão estético de beleza rigidamente imposto pela sociedade).

O início de uso de drogas e a busca de tratamento, com exceção da cocaína, costumam ser mais tardio (este padrão vem se modificando aos poucos). Geralmente as mulheres começam a usar as drogas ilícitas com os parceiros e as lícitas por prescrição médica ou com colegas.

Devido às diferenças orgânicas, as conseqüências físicas podem ser mais rapidamente intensas. As lesões hepáticas ocorrem com níveis mais baixos de ingestão. As conseqüências na esfera ginecológica, obstétrica e endocrinológica também são relevantes. Amenorréia, ciclos irregulares e/ou anovulatórios, menopausa prematura, prejuízos para o desenvolvimento fetal, infertilidade, aborto espontâneo, aumento de massa gordurosa abdominal, são alguns dos possíveis problemas, específicos das mulheres, decorrentes do uso abusivo de bebidas alcoólicas.

O risco de suicídio entre mulheres alcoolistas é maior que entre os homens dependentes do álcool. A vergonha associada ao alcoolismo feminino, a perplexidade e hostilidade da família diante de tal questão, o medo de perder a guarda dos filhos, a sensação de não ter saída e a dificuldade de pedir ajuda, são motivos importantes que colaboram para levar estas mulheres ao suicídio.

Quando falamos em dependência de drogas e pensamos na prevenção e no tratamento, não devemos, em hipótese alguma, desconsiderar as questões de gênero que permeiam, influenciam e são influenciadas,

significativamente, na drogadicção masculina e feminina. O padrão de ingestão de drogas, os aspectos socioculturais, os fatores causais, a dinâmica familiar e as conseqüências decorrentes do abuso de substâncias psicoativas, são os aspectos fundamentais que caracterizam as diferenças entre a dependência química nas mulheres e nos homens.